



Metamorfoses

Revista de Estudos Literários Luso-Afro-Brasileiros

ISSN: 0875-019, v.20, n.2, e64011, 2023

DOI: 10.35520/metamorfoses.2023.a64011

Artigo Original

Tempo Brasileiro: fascínio e miragem¹

Tempo Brasileiro: fascínio e miragem

Maria de Lourdes Martins de Azevedo Soares 

Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

E-mail: mdlourdesmas@gmail.com

RESUMO

Antes deste livro – *Tempo Brasileiro: fascínio e miragem* – que agora vem a lume, não havia edição organizada por Eduardo Lourenço com textos coligidos especificamente em torno da temática brasílica que pudesse servir de ponto de partida para uma edição estendida. Assim, assumimos o risco de organizá-lo inteiramente, agrupando os textos por áreas temáticas ou afins, de modo a facilitar a consulta ao leitor e propiciar à crítica a formulação de hipóteses. Sempre que possível adoptámos uma disposição cronológica, segundo a data em que foram redigidos ou, na falta desta, a data da publicação. Deste modo, esse texto funciona como uma apresentação para o leitor brasileiro e não só.

PALAVRAS-CHAVE:

Tempo Brasileiro: fascínio e miragem, Eduardo Lourenço, Brasil, *Obras Completas*.

Editor-chefe

Sofia Maria de Sousa Silva
Paulo Ricardo Braz de Sousa

Editores convidados

Gilda Santos
Marlon Augusto Barbosa

Recebido: 15/05/2024

Aceito: 20/06/2024

Como citar:

SOARES, Maria de Lourdes Martins de Azevedo. *Tempo Brasileiro: fascínio e miragem*. *Revista Metamorfoses*, v.20, n.2, e64011, 2023. doi: <https://doi.org/10.35520/metamorfoses.2023.a64011>

¹ Versão, com algumas alterações e acréscimos, do texto apresentado no lançamento de *Tempo Brasileiro: fascínio e miragem*, volume IV das *Obras Completas* de Eduardo Lourenço, na Fundação Gulbenkian, 21 de Dezembro de 2018. Mantivemos a parte inicial, em primeira pessoa e dirigida especialmente a Eduardo Lourenço, por assinalar a presença do ensaísta nesse momento privilegiado, coroamento do trabalho da pesquisadora e coordenadora desse volume.

ABSTRACT

Before this book – *Tempo Brasileiro: fascínio e miragem* – which is now coming to light, there was no edition organized by Eduardo Lourenço with texts collected specifically around the Brazilian theme that could serve as a starting point for an extended edition. Therefore, we took the risk of organizing it entirely, grouping the texts by thematic or similar areas, to facilitate consultation for the reader and enable critics to formulate hypotheses. Whenever possible, we have adopted a chronological arrangement, according to the date on which they were written or, failing that, the date of publication. In this way, this text functions as a presentation for the Brazilian reader and beyond.

KEYWORDS:

Tempo Brasileiro: fascínio e miragem, Eduardo Lourenço, Brazil, *Obras Completas*.

Ex.ma Senhora Presidente

Ex.mos Senhores Administradores da Fundação Gulbenkian

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Caros Amigos

Antes da apresentação do livro *Tempo Brasileiro*, permitam-me algumas palavras:

Caro Professor, Mestre e Amigo Eduardo Lourenço

Estamos reunidos aqui para celebrar um livro que é seu e é apenas com ele entregue nas suas mãos que lhe posso agradecer a honra e a confiança de ter aceite, há alguns anos, a indicação do meu nome pelo João Nuno Alçada, então responsável pela inventariação e catalogação do seu Acervo. Professor Eduardo Lourenço, confiou-me a enorme responsabilidade de dar a conhecer aos seus leitores uma faceta do seu percurso intelectual sobre o Brasil ainda não completamente desvendado (mas seria isso possível? interroguei-me).

À medida que as remessas chegavam às minhas mãos, aumentava a surpresa diante da profusão e variedade de textos sobre o Brasil ou com ele relacionados, de diversas modalidades (ensaio, principalmente, mas também carta, diário, discurso, memorando, entrevista), tratando-se, em alguns casos, de versões rascunhadas, inacabadas e com trechos de difícil legibilidade, por vezes com páginas sem numeração, desordenadas. A princípio fiquei temerosa diante da tarefa de ordenar tão vasto e complexo material, conjuntamente com os éditos dispersos. Durante anos, como as

suas centenas de páginas manuscritas inéditas revelam, prosseguiu no seu contínuo pensar sobre o Brasil, quase sempre no silêncio das muitas experiências vividas no pouco mais de um ano de vivência brasileira (Maio/58-Agosto/59). Movia-me o desejo de encontrar respostas para inúmeras questões, nomeadamente as razões do tão breve destino brasileiro. Interrogações e problemas se levantaram pela dificuldade de consultar directamente o Acervo. Mas, entre a minha mesa de trabalho no Rio e os seus manuscritos em Lisboa, havia tantas “léguas a nos separar / tanto mar, tanto mar”².

Pouco a pouco os meus temores se dissiparam. Afinal, navegava em boa companhia, guiada pela leitura dos seus textos – que melhor guia, caro Lourenço? – e também pelas respostas que, com solicitude e disponibilidade, me eram enviadas às muitas dúvidas que lhe ia colocando. Como mensageiro entre nós, mais uma vez, o João Nuno Alçada, actuando de forma igualmente solícita e generosa, com uma invulgar dedicação. Com muita perseverança e intenso fervor consegui concluir esta tarefa ao mesmo tempo desafiadora e prazerosa. Tenho consciência da rara distinção que me foi concedida e sou imensamente grata a ambos. Estendo a minha gratidão a Teresa Tamen, por seu cuidadoso e incansável trabalho na fase de revisão e paginação. Agradeço à Fundação Calouste Gulbenkian o convite que me possibilitou esta viagem transatlântica, travessia que me fez pensar em Pessoa e no desejo, por força do divino querer e do humano sonhar, de um “mar [que] unisse, já não separasse”³.

A DECISIVA EXPERIÊNCIA DE UM ANO

A Bahia e aquele Brasil não são sítios, gente, mundo, que se possa esquecer. Aí soube um pouco o que era o Brasil, mas também o que era ser europeu no Brasil. Mesmo para quem era português, como eu.

Eduardo Lourenço

(Carta à coordenadora do volume *Tempo Brasileiro*, 1999)

1.

Antes deste livro que agora vem a lume, não havia edição organizada por Eduardo Lourenço com textos coligidos especificamente em torno da temática brasílica que pudesse servir de ponto de partida para uma edição estendida. Assim, assumimos o risco de organizá-lo inteiramente, agrupando os textos por áreas temáticas ou afins, de modo a facilitar a consulta ao leitor e propiciar à crítica a formulação de hipóteses.

² Hollanda, Chico Buarque, canção “Tanto mar”, 1975.

³ Fernando Pessoa, *Obra Poética*, 7. ed, Rio de Janeiro, Nova Aguillar, 1977.

Sempre que possível adoptámos uma disposição cronológica, segundo a data em que foram redigidos ou, na falta desta, a data da publicação.

Inspirámo-nos, ao intitular algumas das sete partes, em títulos de Eduardo Lourenço: I – Da Literatura e do Cinema como Interpretação do Brasil; II – Do Filosofar e do Educar: Luminosas Presenças; III – Portugal e o Brasil: Laços que nos Atam ou Desatam; IV – O Labirinto do ressentimento: Colonização e Colonialismo; VI – A Rasura da Descoberta ou A Morte de Cabral; VI – Cultura e Lusofonia: Imagens e Miragens; VII – Destroços (Vária). Para auxiliar a contextualização dos textos, provocar a interlocução e, em alguns casos, possibilitar a correlação sobretudo com a errância brasileira (assim como com os seus antecedentes e a sua repercussão), após as sete partes, decidimos inserir um suplemento intitulado «Bastidores e Ressonâncias» (Anexos), com textos também ordenados temática e cronologicamente, como as respectivas partes, incluindo materiais que em princípio não estariam dentro dos critérios de publicação imediata. Interessou-nos oferecer as bases do que poderia vir a constituir sobretudo um dossier documental deste *Tempo Brasileiro* e isto porque também quisemos propiciar aos leitores em geral, e a outros investigadores em particular, a oportunidade de nesta edição encontrarem reunidos textos dispersos, como no caso das entrevistas seleccionadas – ressonâncias, no Brasil e em Portugal, do pensamento de Eduardo Lourenço referente a temáticas de *Tempo Brasileiro* – e ainda facultar-lhes o testemunho do privilégio que tivemos de, através da leitura desses materiais, entrar no seu «gabinete de trabalho» e observar os bastidores do seu ofício (de professor e ensaísta, enfim, de escritor), os andaimes do seu processo de criação e os registos dos seus interesses e modos de ler, possibilitando-lhes o acesso a escritos relacionados com a atividade docente e ensaística, alguns dos quais revelando-se quase-ensaios.

Desde a primeira leitura dos inéditos e dos éditos dispersos descortinamos um longo caminho de estudo a percorrer, desdobrando-se em múltiplas veredas. Com o desenvolvimento da pesquisa, a fim de estabelecer nexos, colmatar lacunas e confirmar conjecturas, além da introdução, surgiu a necessidade de incluir, após as partes e respectivos anexos, notícias biobibliográficas sobre o período brasileiro. Aí desenvolvemos aspectos do texto introdutório e procuramos desvendar este *iter* de Eduardo Lourenço, desde os antecedentes da ida para o Brasil e a docência na Bahia até ao regresso à Europa e as marcas futuras dessa experiência, destacadamente a formação e/ou o fortalecimento de uma rede de sociabilidade a partir de contactos e intercâmbio cultural com intelectuais que, em alguns casos, revelaram-se também laços afectivos, assim como a produção bibliográfica de algum modo relacionada com esses contactos e com as vivências desse período.

Um dos aspectos que mais despertaram a nossa atenção foi a quantidade de textos inacabados, mais ou menos extensos, à espera de desenvolvimento e conclusão que, por diferentes razões, não ocorreram. A princípio (reconhecemos), até acalentámos

o desejo de encontrar pessoalmente Eduardo Lourenço para, com a sua colaboração, tentar completar os textos inacabados, sobretudo os mais extensos, preencher lacunas e esclarecer trechos ilegíveis, com rasuras e termos de leitura duvidosa. A distância física impossibilitou a concretização desse desejo. Mas esses textos seriam acabáveis? Se completados *agora* seriam ainda os de *outrora*? Deveriam ser concluídos, em muitos casos, décadas depois de concebidos e iniciados, ou assim deveriam permanecer e ser lidos, luminosos na sua imperfeição (no sentido de inacabamento), à semelhança do olhar que lançamos para outras obras inacabadas da cultura? Por fim decidimos ouvir os suspiros dos textos inacabados, inclusive os dos *textos-começos* mais breves, tirá-los do limbo em que se encontravam, deixá-los acordar, respirar, vir à luz: «Ó cores virtuais que jazeis subterrâneas, [...] nos limbos onde esperais a luz que vos baptize»⁴.

Integrados no conjunto textual desta edição, os inacabados mais extensos, assim como os mais breves, evidenciam o sinuoso percurso de certas ideias, as ramificações e conexões de um labiríntico caminhar subterrâneo, rizomático, até emergirem em textos que só mais tarde seriam publicados. A inclusão dos textos inacabados, além de evidenciar interesses e recorrências temáticas, permite melhor perceber e acompanhar o movimento do pensamento de Eduardo Lourenço, contribuindo ainda para amplificar a potencialidade dialogal não apenas em relação aos demais textos da parte em que se inserem, mas também em relação aos de outras partes e mesmo aos de outros livros. São preciosos começos, como diria Maria Gabriela Llansol. Enfim, textos inacabados e conclusos formam um luminoso conjunto, iluminam-se reciprocamente. Portanto, excluir certos textos apenas por se tratar de material rascunhado ou inacabado implicaria desconsiderar “As Faculdades de Filosofia no Brasil e o Destino da Sua Cultura”, “O Mito da Comunidade Luso-Brasileira” e “Aquilino e Guimarães Rosa”, entre outros, e, mais ainda, contrariar uma importante feição deste conjunto, tal como se apresenta. O carácter fragmentário é uma forte marca constitutiva e de certo modo, ainda que pareça contraditório, é nesta continuidade descontínua, no convívio entre textos acabados e inacabados, que o livro *Tempo Brasileiro* alcança a sua plenitude.

É possível que, em certos momentos, sobretudo no caso dos inacabados mais breves, Eduardo Lourenço seja um daqueles fascinados por *começos* a que se referiu Barthes – «gostando de encontrar, de escrever *começos*, ele tende a multiplicar esse prazer»⁵. Sobre a expressiva presença de inacabados neste volume, só o conhecimento da totalidade de inacabados nas Obras Completas de Eduardo Lourenço poderá confirmar mais amplamente esse gosto por inícios e reinícios.

⁴ Camilo Pessanha, *Clepsidra e Outros Poemas*, Lisboa, Ática, 1973, p. 83.

⁵ Roland Barthes, *Roland Barthes por Roland Barthes*, São Paulo, Cultrix, 1977, p. 102.

2.

Em “Nós só existimos no espelho dos outros”, discurso de doutoramento *honoris causa* de Eduardo Lourenço pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – a primeira a conceder-lhe este título, entregue pelas mãos da Prof^a Cleonice Berardinelli, mercidamente homenageada no texto “Luminosa Presença”, neste volume –, o ensaísta lamentou que, na sua bibliografia, o “lugar do Brasil” parecesse “vazio”. O *lugar* do Brasil enfim se revela neste *Tempo Brasileiro*. Dotado do atributo da imensidade que em vários sentidos define o país, o presente conjunto de textos percorre um amplo arco temporal (1945-2016) e contempla uma multiplicidade de temas e subtemas – Literatura, Cinema, Filosofia, Ensino, Colonização e Colonialismo, Descoberta, 500 Anos, Barroco, Língua, Lusofonia, Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), Mudança da Corte, Comunidade Luso-Brasileira e Relações Brasil-Portugal (ou “não-relações”), complexa trama em cujo centro encontra-se a mal resolvida *situação colonial* e em torno da qual gravitam muitos destes assuntos.

Portanto, antes, durante e após o período brasileiro Lourenço nunca deixou de *pensar* o Brasil, mas sem o contacto directo – “experiência decisória para quem é português e chega para se confrontar, para sempre e sem fim, com o único país que é simultaneamente a expressão do *mesmo* e do *diferente*” –, enfim, sem a “[*sua*] descoberta do Brasil”, muito “desta matéria dispersa” não existiria ou não existiria do mesmo modo, como o seminal “O Mito da Comunidade Luso-Brasileira”, germe das reflexões sobre as labirínticas relações Brasil-Portugal retomadas e desenvolvidas em inéditos e dispersos, e em vários ensaios de *A Nau de Ícaro*.

A *sua descoberta do Brasil* fez-se de variados espantos. Não foi viagem “do mesmo para o mesmo” nem a complexidade do país podia ser lida na clave de “um Portugal maior”. “O encontro com os outros é o verdadeiro encontro *connosco*”. O impacto desse encontro/confronto com o Brasil foi determinante especialmente para a reflexão em torno da *identidade*, questão que há muito o atraía e que desenvolveria sobretudo a partir do célebre *O Labirinto da Saudade*. O “contacto, breve, mas decisivo, com o mal chamado Novo Mundo” contribuiu para um novo olhar sobre si mesmo e para “uma mais variada e funda experiência dos outros”, permitindo-lhe reavaliar “uma certa ideia da Europa” e melhor perscrutar o labirinto português.

O período brasileiro foi breve, porém muito intenso em termos de produção ensaística e epistolar e de relações mais ou menos profundas com intelectuais de diversas nacionalidades e áreas do saber, inclusive com compatriotas, como Jorge de Sena, Agostinho da Silva e Casais Monteiro, a quem dedicou trechos memoráveis em “Pequena Diáspora Lusitana” (originalmente texto de comunicação apresentada em São Paulo, por ocasião dos 500 Anos). Privilegiando a literatura como fio condutor, duas “peripécias simbólicas” – o “exílio” brasileiro de Ricardo Reis pela mão de Pessoa e o seu “regresso” à pátria pela mão de Saramago – servem de baliza e mote

a este belo ensaio sobre a constelação de “emigrados intelectuais” portugueses que, por motivos maioritariamente políticos e ideológicos viveram no Brasil entre os anos 40 e 70 do século XX.

Durante o período brasileiro, deu continuidade ao Diário – A Casa Perdida; publicou em periódicos do Brasil e de Portugal; redigiu ensaios – entre os quais o já mencionado “O Mito da Comunidade Luso-Brasileira” e os esboços e versões de “*Presença* ou a Contra-Revolução do Modernismo”, como então se intitulava o seu ensaio que indubitavelmente “suscitou mais diversos comentários”, a princípio destinado a uma Antologia que Casais Monteiro organizava. Na companhia de Annie, visitou diversas cidades, como Florianópolis, onde proferiu palestras sobre Proust e Bergson a convite de Agostinho da Silva e Eudoro de Sousa (neste volume há dois textos sobre o “extra-ordinário” Agostinho).

No IV Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros (Salvador, Agosto de 1959), atuou como Secretário (o que deu origem a uma expressiva correspondência, ainda inédita) e apresentou três comunicações nesse evento, duas das quais incluídas neste volume: “Fenomenologia e História da Arte – O Exemplo Barroco” e “O Brasil na Obra Médica de Zacuto Lusitano”.

Na capital baiana, assistiu ao lançamento de *Gabriela, Cravo e Canela*, marco de “um segundo” Jorge Amado, “que daí em diante oferecerá ao Brasil a sua utopia onírica de país mágico e de magia”, embora prefira o dos anos 40 e 50 que tanto encantou a sua geração. Nas diversas referências a Jorge Amado, firma-se a convicção da afinidade entre a trajetória do escritor e o modo como o Brasil, contra os desmentidos da realidade, se concebe como um país vocacionado para a felicidade, “ou disfarça com tanto sucesso o que sente ser” (“Portugal-Brasil: Um Sonho Falso e Um Único Sonhador”). Ao abandonar pouco a pouco a “atitude crítica [...] por uma literatura cada vez mais lúdica e euforizante”, a intuição romanesca de Jorge Amado vai ao encontro do “reflexo tão característico da sensibilidade e, talvez ainda mais, da imaginação brasileira” – a rejeição instintiva ao “trágico autêntico” –, exprimindo “em profundidade, com a eficácia popular dos grandes mitos, esse reflexo antitrágico” (“Da Literatura Brasileira como Rasura do Trágico”).

Ao recordar o período brasileiro, Eduardo Lourenço considerou que o mais interessante foi ter conhecido o futuro criador de *Deus e o Diabo na Terra do Sol* e dele ter recebido a “imperativa obrigação de ler” *Grande Sertão: Veredas*, impactante revelação literária do *sertão-Brasil* ou *do Brasil como sertão* que daria “a amar aos [s] eus alunos de Grenoble”: Glauber Rocha “entrou na sala balançando um grosso livro e disse: ‘Professor, para conhecer o Brasil, o senhor precisa ler este livro!’”⁶.

⁶ André Luiz Barros, «Desbravador dos Mitos e da Alma Luso-Brasileiros», *Jornal do Brasil*, caderno B, 24 ago. 1996.

Ao chegar ao Brasil, já conhecia o *segundo sertão* – de Graciliano Ramos, Jorge Amado e Lins do Rego, romances de uma história do Brasil que é uma “contra-história da herdada do século XIX”. Através de Glauber Rocha, descobriu o *terceiro sertão* – “*Sertão-Mundo*”, “*sertão-miragem*”, “*sertão-linguagem*” – de Guimarães Rosa, que transfigurou os dois *sertões* num *terceiro sertão*, “instalando o imaginário brasileiro na terceira margem de si mesmo”. Só mais tarde, ao ler *Os Sertões* de Euclides da Cunha, “por dever de ofício primeiro, por paradoxal sedução, depois”, conheceu a primeira imagem do *Brasil como sertão*, diversa da eufórica e ufanista que terá no modernismo paulista, “momento antitrágico paradigmático da literatura brasileira”, e na utopia “centrada sobre o folclórico e mágico” do segundo Amado (“Da Literatura Brasileira como Rasura do Trágico”).

A revelação cultural do Brasil foi um deslumbramento que daria muitos frutos. Depois de regressar à Europa escreveu sobre as obras de Guimarães Rosa e Glauber Rocha, fundamentais para a mitologia cultural brasileira. Com justa intuição do alcance e significado de *Deus e o Diabo na Terra do Sol* para o cinema brasileiro e mundial, considerou-o “um acontecimento cultural da ordem de *Os Sertões* e dos romances do Nordeste, uma captação invulgar da essência mítica e real do Brasil” (“O cinema novo e a mitologia cultural brasileira”). As três imagens literárias do *sertão-Brasil* ou do *Brasil como sertão* dialogam com as do filme de Glauber, o mais representativo do Cinema Novo. Escreveu também vários textos sobre o autor de *Grande Sertão*, o primeiro dos quais “Aquilino e Guimarães Rosa”, em que se desviou conscientemente dos lugares-comuns comparatistas baseados em “aproximações impostas por uma muito discutível semelhança” e dos paralelos apoiados na retórica da irmandade entre as culturas dos dois países, declarando logo no início o propósito de indirectamente destruir “a mitologia do luso-brasilianismo”, “obstáculo supremo às relações possíveis entre a cultura portuguesa e a jovem cultura brasileira, invisíveis uma à outra pela cegueira de se pensarem ou retoricamente se desejarem mais identificadas do que na realidade o estão e podem estar”.

Trágico e Sertão são categorias privilegiadas por Eduardo Lourenço para ler o Brasil através das imagens em que ele se contempla e se revela. Após assinalar o *aproblematismo* do Brasil, a sua pouca sensibilidade “a qualquer forma de trágico”, aprofundou a relação entre trágico e literatura: “a autêntica rasura do trágico, enquanto reflexo generalizado da literatura brasileira, surge depois de Machado de Assis e em consonância com o processo e o reforço da consciência propriamente *brasileira* dessa literatura”. Há em Machado, Guimarães Rosa e Clarice Lispector “uma espécie de estratégia (sem dúvida inconsciente) destinada a contornar os aspectos mais trágicos da condição humana”. No autor de *Dom Casmurro*, o “mais subtil e genial romance de língua portuguesa”, prevalece a *indecidibilidade*: a sua alegoria da “vida-ópera” pode ser lida como “*rasura*” ou como “justa compreensão do trágico”. Nos Gerais

de Rosa o horror e a violência resolvem-se através de uma “solução onírica, mágica ou mística, a da reconciliação” (“A Hora e Vez de Augusto Matraga”) em que, “ao fim e ao cabo, *tudo é Graça*”. E nenhuma tragédia é possível na travessia ascética de Clarice (*A Paixão segundo G. H.*), espécie de “mística do avesso”, “plenitude do *mínimo*” em direcção ao “*neutro divino*, o aquém humano presente no coração do homem” (“Da Literatura Brasileira como Rasura do Trágico”).

É importante ressaltar que a experiência brasileira de Eduardo Lourenço ocorre quando os movimentos de libertação das colônias portuguesas em África se afirmavam. Durante a sua estada no Brasil começou a interessar-se pela temática “do império, da colonização” portuguesa abordada em “O Mito da Comunidade Luso-Brasileira” e desenvolvida após o período brasileiro em vários trabalhos incluídos neste volume e no livro *Situação Africana e Consciência Nacional* (redigido entre 1961-1963). Como declarou em “A Miragem Brasileira”, “não se podia ter uma leitura da história portuguesa, da cultura portuguesa, sem conhecer esta outra parte do que tinha sido o império português. Em última análise, portanto, todo o *arrière-plan* de *O Labirinto da Saudade* tem a ver com a [sua] estada na Bahia”.

Pouco depois de regressar à Europa, em “Brasil – Caução do Colonialismo Português” questionou o *Portugal Livre*, “jornal confessadamente anticolonialista”, por não ter percebido o verdadeiro alcance da visita do Presidente Kubitschek a Portugal, situando-a “no seu horizonte específico: as Comemorações Henriquinas” – o de “*caução do colonialismo*” português em África, muito mais grave do que servir de “reforço da ditadura portuguesa”, e que, “visto do lado brasileiro”, conferia-lhe “um significado muito mais transcendente” por ofender “na raiz a essência mesma da mitologia brasileira”. O silêncio dos articulistas sobre este facto fundamental permite avaliar o grau de “alienação profunda da nossa consciência de portugueses”: “a maior miséria do colonialismo é que ela coloniza os colonizadores”.

É no contexto do movimento de libertação das colônias em África e dos discursos de legitimação do colonialismo português pelo salazarismo que se situam as críticas a Gilberto Freyre nesse artigo (exacerbadas no último parágrafo da versão publicada no *Portugal Livre* e reimpressa em *O Fascismo nunca Existiu*, 1976, mas atenuadas na versão publicada em *Do Colonialismo como Nosso Impensado*, 2014, e que se reproduz neste volume) e noutros em que há referências ao sociólogo pernambucano e ao lusotropicalismo, teoria sociológica em voga e que inclusive sustentara diversos trabalhos no IV Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros. Em “A Propósito de Freyre (Gilberto)”, analisou as razões do “inegável sucesso editorial” do mestre de Apipucos, nomeadamente a sua apologia da “*superioridade do colonizador português nos Trópicos*”, que, na verdade, pretende afirmar, “por normal efeito retroactivo, [que] essa superioridade é a do Brasil, exemplo de confraternização racial e de sucesso, únicos, da civilização europeia nos Trópicos”. A “mitificação do Ibérico, fator do

tropicalismo”, no fundo “traduz um *complexo de inferioridade cultural transfigurado em apologia delirante*. Ou, convertendo dialecticamente esta conclusão, *uma inserção patológica da consciência brasileira em si mesma*”. Ou ainda, como afirmou em “O Brasil e a África ou A Ilusão Materna dos Portugueses”, sob a aparente apologia do “português – um português grandemente mitificado – nada mais há do que a projecção retrospectiva de uma imagem idealizada do brasileiro”.

Não apenas os encontros, mas também os confrontos foram enriquecedores, como o que ocorreu com Afrânio Coutinho no IV Colóquio. Eduardo Lourenço reagiu com ironia à ideia de Afrânio Coutinho de que a literatura brasileira nasceu quando Cabral chegou, nela percebendo uma *rasura do legado lusitano*. A percepção de um sentimento antilusitanista em autores como Coutinho contribuiu para as considerações de «O Mito da Comunidade Luso-Brasileira» e também para aprofundar a conceptualização de formas de nacionalismos e sua implicação na questão da identidade, e repercutirá nas observações sobre o recalçamento da raiz portuguesa, sobretudo depois do modernismo de 22. A “obsessão de *brasilianidade*” apontada por Lourenço no moderno discurso cultural brasileiro expressa-se de diferentes modos, seja através da atitude *infantil* do antilusitanismo de Coutinho, seja através da *rasura* (consciente ou inconsciente) da raiz portuguesa, presente “desde os livros escolares até aos ‘esquecimentos’ de um Jorge Amado”, passando pela apologia lusotropicalista de Freyre e pelo processo do colonialismo português em *Brasil e África: outro Horizonte*, de José Honório Rodrigues. Conforme uma das suas frases certeiras, “o colonialismo é uma máquina infernal cujos traumatismos só com dificuldade se reabsorvem” (“[Brasil e África: outro Horizonte ou O processo do colonialismo português]”). Com o tempo, tal como procedeu com Freyre, moderou o tom das críticas a Rodrigues e Coutinho, sem prejuízo das ideias nelas defendidas.

Colóquios e comemorações oferecem uma boa oportunidade para evidenciar certos equívocos e desmascarar discursos fundamentados na retórica que tem alimentado o mito da fraternidade luso-brasileira, condição imprescindível para que seja possível preparar, enfim, o terreno que propicie o efetivo diálogo Brasil-Portugal. Por ocasião das comemorações dos 500 Anos, ao autocelebrar-se no presente, o Brasil apaga e reescreve o seu próprio “romance das origens” em que a histórica Descoberta reduz-se ao “acidente-Cabral”, e Portugal, relegado a um “quase anonimato sublime” no imaginário brasileiro, “é um vago sinal deixado outrora nas praias do que não tinha nome”. *Esquecer Cabral, esquecer Portugal* é o que parece anunciar, lida do ponto de vista de um português (e leitor atento), a mensagem do relógio eletrônico dos 500 Anos instalado em várias cidades do Brasil: o que nela “não está inscrito” é precisamente

a data da chegada de Cabral às futuras praias brasileiras [...]. E muito menos a palavra “Descoberta”, coração da mitologia portuguesa. [...] É obvio que aqueles quinhentos anos se referem

à História, à inscrição do Brasil num quadro temporal que o “descobridor” partilhava, na convicção de ser um quadro universal. Como comemorar essa inscrição sem o inscrito, seja ele qual for? (Lourenço, 2019, p. 321).

As reiteradas considerações sobre a “carência de relacionamento”, o “mútuo, estranho e inaceitável afastamento, em todos os domínios, de dois povos que já foram, por alguns anos, uma só pátria e que legítimos motivos separaram politicamente, um do outro” (“Nostalgia Atlântica”), a inexplicável *ausência* de uma à outra cultura, são aguda consciência crítica e também pungente clamor, com ressonâncias de um cantar de amigo (*ai Deus, e u é?*, lamento pela ausência do amado, canto expectante nostálgico, por vezes tocado pela alegria da possibilidade do encontro), como o que gostaria que em Portugal o representante máximo dos brasileiros ouvisse (“Boas-vindas ao Presidente Fernando”). Outros talvez *apenas* ouçam na música de muitos destes textos as sequências de dúvida, desencanto, ceticismo ou pura ironia. Sem deixar de ouvi-las nestes lúcidos e dolorosos diagnósticos e sem sugerir ilusória miragem apostada no futuro (o que significaria ignorar o incansável combate que neles se trava contra ilusões enganosas e mitos encobridores), julgamos possível ouvir *também* uma nota ainda esperançosa – espécie de estribilho insistente, de núcleo resistente por inconformado – de um autêntico diálogo, da reversibilidade do afastamento cultural, de desatar nós e refazer laços em novas bases, fio melódico audível na expectativa de que no *progresso da autognose brasileira* a raiz lusitana seja enfim positivamente integrada: “Um dia que não parece vir longe o Brasil integrará sem resíduo e vestígios de má-consciência a totalidade da sua história”, também perceptível nas possibilidades insinuadas por um *mas* ou um *talvez*: “A portugueses e brasileiros cumpre que tal *rivalidade*, conforme a natureza das coisas, se transforme em *mútuo enriquecimento*, não pelo processo inócuo de osmose imaginárias, mas pela aceitação lúcida das *diferenças* que nunca serão de molde a apagar os vestígios de um pulsar único que um dia os uniu” (“De um certo (e Inevitável) antiportuguesismo da Cultura. Para Uma Psicanálise das relações entre o Brasil e Portugal”); “Talvez essa deriva – como a geológica dos continentes – seja inevitável. Mas um português não o consegue acreditar. Falta-nos hoje o Brasil e mais nos faltaria então. E sempre um português pensará que o Brasil sinta que lhe faltará qualquer coisa quando Portugal lhe faltar” (“Nostalgia Atlântica”).

Em vários textos de Lourenço em torno da criação da CPLP ou que a ela se referem evidenciam-se as problemáticas relações Brasil-Portugal: “Na verdade, o grande problema da lusofonia, depois da CPLP, é o problema que temos com o Brasil. Problema agravado pela maneira como nós pomos as coisas e os brasileiros as não põem” (“À margem da Lusofonia”). Neles alerta também para uma das possíveis

miragens, a de se perder de vista a pluralidade cultural intrínseca que caracteriza o espaço da lusofonia, a multiplicidade de imaginários lusófonos.

Em “Errância e Busca num Imaginário Lusófono”, mais uma vez recorre à literatura – o romance *Cavaleiro Andante*, de Almeida Faria – como caminho privilegiado para reflectir sobre imagens e miragens do “imaginário lusófono nesta hora paradoxal de ‘fim do império’ em que, sob a aparência de uma implosão político-cultural que parece separar-nos uns dos outros, assistimos ao nascimento de uma nova constelação escrita na nossa comum e diversificada língua”. Neste admirável ensaio (originalmente texto de comunicação apresentada em Belo Horizonte), menciona Minas Gerais e a figura do cavaleiro andante no universo romanesco de Guimarães Rosa, filho daquelas terras:

O paradigma do andante cavaleiro – se deixarmos de lado Amadis, flor que ninguém sabe de que terra nos chegou – já encontrara na nossa comum e reinventada língua a mais fabulosa das versões, ao mesmo tempo contemporânea e arcaica: a de *Grande Sertão: Veredas*. Sertão, o mundo, veredas, os caminhos que por serem terrestres não são menos indefinidos e misteriosos que os do arquétipo pessoano “mar português”. O mundo das personagens erráticas de *Cavaleiro Andante* não é o dos gerais, onde estamos neste momento, o da terra ondulada e imprevisível como o mar, do sertão-mundo brasileiro, com o diabo à solta por conta de Deus. (Lourenço, 1999, p. 113).

Sertão-mar... A aproximação comparativa entre os misteriosos e indefinidos caminhos do *pessoano mar português* e os não menos misteriosos e indefinidos das *veredas do sertão rosiano* promove um encontro-diálogo entre imaginários de duas figuras exponenciais da literatura portuguesa e brasileira, convidando-nos a revisitar o romance-suma do mineiro e minerador da linguagem que desde o período brasileiro encanta Eduardo Lourenço, para nele assinalar uma feliz coincidência: “vale por um mar sem fim... Sertão”.

Há, portanto, uma casa habitável e imperdível onde Eduardo Lourenço se sente à vontade, a do imaginário, ou melhor, dos imaginários em língua portuguesa, em especial os da língua literariamente trabalhada – as suas “lusofolias”⁷. Há um espaço de desconforto pelo “sentimento de frustração e mesmo de melancolia” por constatar que as relações entre brasileiros e portugueses não “são o que deviam e podiam ser”,

⁷ Aludimos a «Lusofonia e Lusofolia», subtítulo ou mesmo título que Eduardo Lourenço, inspirado na leitura de um conto de Mía Couto, pensou atribuir à sua intervenção apresentada no Colóquio de Direito Internacional Comunidade de Países de Língua Portuguesa, 24/4/1997, 1º Painel CPLP – Do Projeto à Realidade (da Descolonização à CPLP), Universidade de Coimbra. No Acervo de Eduardo Lourenço – Dossier Tempo Brasileiro há uma versão impressa da transcrição dessa apresentação oral, não editada e revista para publicação pelo autor e por isso não incluída no IV Volume.

falta que suscita o insistente desejo de que ambas as partes tomem consciência desse estado, passo indispensável para que possam “retomar, noutro tom e com outra força, os fios de uma conversação infinita, saborosa, necessária e fecunda para os nossos dois povos” (“Nostalgia...”). Há também, mesmo nos textos mais polémicos, uma indesmentível declaração de amor ao Brasil – país onde poderia ter ficado, “se Deus não [o] continuasse a escrever por tortuosas veredas” (“Nós só existimos...”) –, afeto expresso na *paixão vigilante* (“As Faculdades...”) e no anseio de “reconhecimento mútuo de dois corações diversos que na claridade da sua diferença busquem ou encontrem as razões para se amar” (“Aquilino e Guimarães”). Amor que felizmente não é “da espécie dos *amores infelizes*, como são todos os que se não adequam ao objecto amado”⁸. Paixão atenta, portanto, sem jamais perder a lucidez.

O tempo vivido no Brasil foi uma experiência inesquecível, de muitos fascínios, mas também de «profunda decepção» pelo não cumprimento das promessas que lhe foram feitas pessoalmente, na altura do convite para lecionar na Universidade da Bahia, e que inviabilizaram a sua permanência no país («Carta ao Reitor [da Universidade] da Bahia»). Malgrado a inegável e justificada frustração, foi uma experiência enriquecedora em vários sentidos, em especial em termos de contactos pessoais, revelações culturais – como a de *Grande Sertão* – e descobertas, nomeadamente a *sua descoberta do Brasil* e do que significou *ser português e ser europeu no Brasil*. Muitos textos de *Tempo Brasileiro* alimentam-se da *decisiva experiência* desse período. Como afirmou em “O Mito da comunidade luso-brasileira”, “nenhuma experiência se oferece hoje ao português, fora de suas exíguas fronteiras, mais rica de ensinamentos de toda a espécie, do que a do seu contacto com o Brasil”.

3.

Há ainda tanto mar a navegar neste *Tempo Brasileiro* (título que, coincidentemente, é também o de uma conceituada revista dirigida por Eduardo Portella, a quem Eduardo Lourenço alude no texto “Mitologia Brasileira”, a ele dedicado: “E não espanta que um dos seus mais originais ensaístas tenha centrado a sua reflexão sobre a evidência e o enigma desse ‘tempo brasileiro’”. Mas, como a canção de Camões ensina, “não pode ser – lhe diz – limitada / a água do mar em tão pequeno vaso”⁹). Muito fica por dizer, mas certamente este livro responderá a variadíssimas questões levantadas.

Nestas palavras finais, todavia, gostaríamos de ressaltar que as considerações de Eduardo Lourenço sobre o *tempo brasileiro* encontram-se disseminadas em vários textos deste volume, desde os mais longínquos até aos mais recentes. Através delas evidenciam-se as não menos problemáticas relações dos brasileiros com o tempo e

⁸ Eduardo Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, 4. ed. Lisboa, Dom Quixote, 1991, p. 93.

⁹ Luís de Camões, *Lírica Completa* III, prefácio e notas de Maria de Lurdes Saraiva, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1981, p. 67.

também os (des)encontros entre o *tempo brasileiro* e o *tempo português* – cujo nó encontra-se nos três séculos de história comum, o tempo da colonização, labirinto de complexos, traumas e ressentimentos mútuos –, assim como a repercussão desses tempos (des)encontrados no “tempo europeu”. Também gostaríamos de deixar apontado um possível paralelo entre o título atribuído a este volume, *Tempo Brasileiro*, e o título “Tempo Português”, atribuído a dois ensaios, um incluído em *A Nau de Ícaro* e o outro em *Portugal como Destino seguido de Mitologia da Saudade*. A recusa *ao que se chama realidade* é o fio que liga esses textos homônimos. Em “Tempo Português” (*A Nau*), Lourenço refletiu sobre como nós (os portugueses) entraríamos neste século XXI (em que já entrámos): “E com ele, queiramo-lo ou não, na história real, a nossa, de pequeno povo e sonhos compensatórios, para que não nos demos conta disso. Será o fim do *tempo português* e o começo do tempo de Portugal, um país como os outros a contas nunca certas com o tempo. Quer dizer, com a rugosa essência da realidade”¹⁰.

Esperando que este livro possa contribuir para um autêntico diálogo entre o Brasil e Portugal, e diminuir a *distância cultural* entre os dois países, tantas vezes assinalada por Eduardo Lourenço, lançamos estas perguntas, que de algum modo repercutem a pessoa “que ancia distante perto chora?”¹¹: Para quando o fim do *tempo brasileiro* e o começo do *tempo do Brasil*? Chegará o tempo em que o *tempo do Brasil* e o *tempo de Portugal* poderão enfim se encontrar?

REFERÊNCIAS

- BARROS, André Luiz. Desbravador de mitos e da alma luso-brasileiros. *Jornal do Brasil*, p. 1, 24 ago. 1996.
- BARTHES, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- CAMÕES, Luís de. *Lírica completa*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1981. v. III.
- LOURENÇO, Eduardo. *Nau de Ícaro seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia*. Lisboa: Gradiva, 1999.
- LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade*. Lisboa: Dom Quixote, 1991.
- LOURENÇO, Eduardo. *Obras Completas: Tempo brasileiro*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2019. v. IV.

¹⁰ Eduardo Lourenço, *Nau de Ícaro seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia*, Lisboa, Gradiva, 1999, pp. 105-109.

¹¹ Fernando Pessoa, *op. cit.*, p. 89.